Eixo 1 – Educação, Saúde e Tecnologia

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO COMBATE A DENGUE:** UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Juliana Aguiar Rodrigues, juliana.ar@discente.ufma.br1,

Bruna Evelyn Brito Da Silva Salgado1,

Daianne Santos de Souza1,

Daniel Coutinho dos Santos1,

Sara Bernarda Moreira De Sousa1,

Profa. Dra. Maria Aparecida Alves de Oliveira Serra 1

1. Universidade Federal do Maranhão, CCSST;

**RESUMO**

**Introdução:** A dengue é uma doença febril aguda causada por um arbovírus, termo que se refere a vírus transmitidos por artrópodes, considerada um problema de saúde pública por se tratar de uma infecção sistêmica e dinâmica, com amplo espectro clínico, que inclui manifestações clínicas graves e não graves1. Não existe terapia eficaz para a dengue e o tratamento é sintomático, exigindo uma assistência clinica eficiente ao paciente2. Diante disso, a elaboração de medidas estratégicas com intuito de redução da doença, como as práticas de educação em saúde são relevantes para a prevenção e controle desta afecção. **Objetivos:** Relatar a vivência de acadêmicos de enfermagem durante atividades de educação em saúde que foram realizadas para orientação sobre a dengue, seu vetor e forma de transmissão. **Descrição da experiência:** Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido com crianças de 4 a 5 anos de idade de uma creche publica em Imperatriz, Maranhão, no mês de maio de 2019. Para orientação das crianças sobre a dengue, seu vetor e forma de transmissão optaram-se pela utilização de teatro de fantoches. O teatro pode ser uma importante ferramenta para a educação dos estudantes, uma vez que, devidamente utilizado, auxilia o desenvolvimento cognitivo da criança, promove a socialização e melhora a aprendizagem dos conteúdos escolares. Ressalta-se, ainda, que o teatro também instiga o sentido filosófico dos telespectadores, porque estimula o pensamento e a modificação da realidade instaurada3. Para a realização da ação descrita nesse trabalho, foi agendado previamente o encontro das acadêmicas com as crianças por intermédio da gestora e professores da creche. **Resultados e/ou impactos:** A ação foi ministrada para 40 crianças da pré-escola, tendo duração de 30 minutos. Inicialmente foi realizada uma roda de conversa, explicado sobre qual assunto seria abordado e questionados se conheciam algo sobre a doença. No segundo momento, realizou-se o teatro de fantoches, destacando o mecanismo de transmissão, profilaxia e o tratamento da doença, a linguagem foi adaptada para a idade dos pré-escolares. A fim de avaliar as crianças sobre o assunto, foi feito um *quiz* com perguntas relacionadas à história apresentada no teatro. A fim de proporcionar uma melhor fixação do conteúdo e descontração foi colocada uma música infantil relacionado ao mosquito e suas formas de combate. A facilidade com que os instrumentos didáticos e visuais comunicam conhecimentos científicos está relacionada ao fato de que eles transmitem informações sérias e reais de forma atrativa e divertida, facilitando a memorização dos conceitos e traduzindo com clareza a mensagem que se deseja comunicar. **Considerações Finais:** Esta experiência permitiu observar que a educação não deve ficar estagnada em métodos tradicionais e precisa inovar, buscando novos meios, como o teatro de fantoches para ações em saúde efetivas na prevenção e controle da dengue. Também foi possível perceber o resultado satisfatório para o entendimento das crianças sobre a temática, visto que, todas as perguntas feitas após a apresentação foram respondidas sem dificuldade pelos participantes analisado.

**Descritores:** Dengue; Educação em Saúde; Criança.

**Referências:**

1. CORREIA, T. C. *et al*. Prevalência de dengue clássica e dengue hemorrágica no Brasil, entre 2011 e 2015. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 22, p. e753, 10 abr. 2019.

2. ABREU, M. B. *et al*. **O Vírus do Dengue: Novo Paradigma de Saúde Pública**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra..

3. RAMPASO D. *et al*. Puppet thiteatre as teaching strategy: a report of the experience. **Rev Bras Enferm**. 2011; 64 (4):783-85.